



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**SALÁRIO POR PEÇA E INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO NO SETOR CANAVIEIRO DO
BRASIL**

Lucas Bezerra

lucasbezerra.1917@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil

Maria Hellena Azevedo Leitão

mariahellenaazevedo@hotmail.com

Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/FIOCRUZ

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

A intensidade da exploração que acomete os cortadores de cana no Brasil não constitui, em si, uma novidade. Escravos, lavradores e assalariados rurais enfrentaram, no transcurso do desenvolvimento capitalista no campo brasileiro, condições de trabalho degradantes. O atual estágio do desenvolvimento capitalista, sob o predomínio do capital financeiro, definitivamente não prescinde de práticas do passado. Ao tempo que as forças produtivas atingem um patamar superior de desenvolvimento, modalidades de exploração típicas de séculos pretéritos são repostas à lógica da acumulação. O salário por peça e formas de trabalho doméstico, artesanal e familiar não constituem, assim, métodos datados de usurpação privada da produção social da riqueza; pelo avesso, insistem em ser partícipes da dinâmica do capitalismo contemporâneo. A modalidade de salário que impera nos canaviais brasileiros é o salário por peça, o pagamento por produção, por tonelada cortada. Para Marx (1980), o salário por peça constitui uma forma modificada do salário por tempo, uma vez que a fórmula que determina o preço do tempo de trabalho permanece inalterada: jornada de trabalho = preço diário da força de trabalho. Um dos aspectos irracionais do salário por peça consiste no fato que a qualidade média do trabalho é controlada pelo resultado, proporcionando ao capitalista uma média da taxa de mais-valia e, portanto, da produtividade, da intensidade e da duração do trabalho. Dessa maneira, “o salário por peça se torna terrível instrumento de descontos salariais e de trapaça capitalista” (MARX, 1980, p. 639). Além disso, contribui para que entre a figura do capitalista e a figura do assalariado brotem “parasitas que subalugam o trabalho. O ganho dos intermediários decorre da diferença entre o preço do trabalho que o capitalista paga e a parte desse preço que eles realmente pagam ao trabalhador” (id., p. 640). Ao mesmo tempo, o salário por peça conjuga a intensidade do trabalho e a tendência ao rebaixamento salarial, com acréscimo da duração do trabalho. No mais, transfere para o trabalhador uma tarefa que em tese é do capitalista: a responsabilidade pelo ritmo do trabalho. Estão enquadrados, nessa modalidade, os cortadores da cana-de-açúcar. Dado que o processo de trabalho é organizado por metros, mas aferido por produção, os trabalhadores sabem quantos metros cortaram durante uma jornada de trabalho, mas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

não têm conhecimento do valor que por eles é produzido, tanto por não participar da conversão do metro em tonelada, como porque o valor do metro só é fixado depois que a cana passa pela balança da usina, que fica longe do eito. Sob a lógica do quanto mais é produzido “melhor” é o salário, quanto mais cana corta o trabalhador maior é a possibilidade de morte por exaustão, acidentes de trabalho, doenças contraídas em função do corte.

ABSTRACT

The intensity of the exploitation of cane cutters in Brazil is not in itself a novelty. In the course of capitalist development in the Brazilian countryside, slaves, peasants and rural workers faced degrading working conditions. The present stage of capitalist development, under the predominance of financial capital, definitely does not dispense with past practices. As the productive forces reach a higher level of development, modes of exploitation typical of past centuries are restored to the logic of accumulation. The wage per piece and forms of domestic, artisanal and family labor do not therefore constitute dated methods of private usurpation of the social production of wealth; on the other hand, insist on being part of the dynamics of contemporary capitalism. The salary modality that prevails in the Brazilian sugarcane plantations is the salary per piece, the payment per production, per cut ton. For Marx (1980), the wage per piece constitutes a modified form of the wage by time, since the formula that determines the price of working time remains unchanged: $\text{workday} = \text{daily price of labor}$. One of the irrational aspects of part-pay is the fact that the average quality of work is controlled by the result, providing the capitalist with an average of the surplus value, and therefore of productivity, intensity and duration of work. In this way, "the salary per piece becomes a terrible instrument of salary discounts and capitalist cheating" (MARX, 1980, p.639). In addition, it contributes to the emergence of "parasites undermining work" between the figure of the capitalist and the figure of the wage-earner. The gain of the intermediaries stems from the difference between the price of labor which the capitalist pays and the part of that price which they actually pay the laborer "(ibid., P.640). At the same time, the salary per piece combines the



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

intensity of the work and the tendency towards lower salary, with an increase in the duration of work. In addition, it transfers to the worker a task which, in theory, belongs to the capitalist: responsibility for the rhythm of work. Sugar cane cutters are included in this modality. Given that the work process is organized by meters, but measured by production, workers know how many meters they cut during a working day, but they are not aware of the value produced by them, either because they do not participate in the conversion of the meter in ton , and because the value of the meter is only fixed after the sugar cane passes through the balance of the plant, which is far from the eito. Under the logic of how much more is produced "better" is the salary, the more cane the worker cuts the greater the possibility of death by exhaustion, accidents at work, diseases contracted due to the cut.

Palabras clave

Salário por peça; exploração do trabalho; setor sucroalcooleiro.

Keywords

Salary per piece; labor exploitation; sugar and alcohol industry.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

A cana-de-açúcar assume um papel determinante na formação econômico-social brasileira. Esse produto, presente no Brasil desde os primórdios do século XVI – vindo de fora e destinado predominantemente para fora – ilustra em larga medida as particularidades da sociedade brasileira, dentre as quais a questão agrária, herança viva da colonização, que se destaca entre as feridas abertas do mundo do trabalho, constituindo-se um grave problema de dimensão estrutural. Ao contrário do que podem pensar alguns, o peso da cana não se limita, em nossa realidade, aos reconhecidos grandes ciclos econômicos da política colonial (pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro, algodão, café e borracha). Pelo avesso, a produção de cana e seus derivados (açúcar e álcool) foram e continuam a ser centrais numa economia como a nossa, organizada em função do atendimento aos interesses do mercado externo (PRADO JR., 1976).

Neste início de século, assiste-se uma nova expansão desse ramo da produção agrícola no Brasil. Um conjunto de determinações internas e externas explicam isso. Podem-se destacar: i) a proporção da crise na esfera petrolífera e a conseqüente elevação do preço do barril, articulado a um cenário de escassez desse produto, expressa na chamada crise energética mundial; ii) a elevação do preço do açúcar e do álcool no mercado internacional, no interior do *boom* das *commodities* – a elucidar uma tendência à “reprimarização” de economias dependentes (OSÓRIO, 2012); iii) os tratados internacionais, como o Protocolo de Kyoto (1998), que exige a redução da emissão de gases que agravam o efeito estufa, como é o caso do gás carbônico; iv) o amplo desenvolvimento e disseminação da tecnologia bicomustível, que requisitou um estrondoso aumento da demanda por álcool; dentre outros.

Essa configuração, a ser problematizada neste texto, conduz à hipótese de que há novidades no campo do trabalho que devem ser capturadas pela análise, sob o crivo da crítica, na perspectiva de responder a questões concretas que se colocam para os trabalhadores. Parece-nos inevitável que o atual arranjo produtivo desse setor não carregue consigo contradições e mediações novas e, ao



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

mesmo tempo, mantenha traços daquele passado colonial, visto que estamos a discutir uma economia que mescla o “moderno” e o “arcaico” nas relações sociais de produção e reprodução (FERNANDES, 1995, 2006).

Tal conjunção arrasta consigo o enredamento próprio do atual estágio do desenvolvimento capitalista. Mas, nesse caso, como resultado da própria história, não se trata mais tão somente do fazendeiro oligarca, do usineiro tradicional. Embora essa figura não desapareça, trata-se, agora, de um complexo cujo emaranhado envolve em seu âmago a relação entre setores distintos do capital nacional e internacional, inter cruzados na cadeia produtiva em questão: o agronegócio, a indústria automobilística e as empresas petrolíferas. Campo e cidade nas estruturas de dominação e apropriação. Produção agrícola e produção industrial, uma misturada à outra. Capital e propriedade fundiária.

O eixo da discussão é a centralidade do trabalho, com enfoque na particularidade de um ramo específico da produção agroindustrial no Brasil e no interior do mesmo, uma forma de trabalho – o corte da cana – evidentemente submetida a formas de controle sintonizadas com a flexibilidade, política econômica que consegue tornar mais penosa uma atividade que já era insuportável.

O texto encontra-se sistematizado em dois momentos, afora esta introdução e as considerações finais. A princípio, o esforço consiste em apresentar os aspectos mais fundamentais que informam o atual momento do setor produtivo ao qual a produção canavieira se vincula. Trata-se de traduzir o terreno conjuntural, interno e externo, que viabilizou a inegável expansão produtiva da cana-de-açúcar e seus derivados, principalmente o etanol, neste início de século. A seguir, com base nesses elementos, apresenta-se uma síntese sobre as tendências centrais no campo do trabalho dos cortadores da cana-de-açúcar. As condições e relações de trabalho e a modalidade de salário paga a esses trabalhadores ocupa um lugar privilegiado nesse momento da exposição.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceptual

Em 2003, logo no início do primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010), foram comemorados os cinquenta anos da Volkswagen no Brasil. Um grande evento, realizado em São Paulo, reuniu empresários da indústria automobilística, do setor sucroalcooleiro, o novo presidente da República e o então governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, para lançar o primeiro veículo com tecnologia *Flex* no país: o Gol Total Flex 1.6¹.

Sob um tom modernizante e supostamente “sustentável”, argumentava-se o sucesso dessa tecnologia no mundo, ao mesmo tempo em que se renovava a promessa de “dias melhores” para os empresários da cana, do açúcar e do álcool, após a crise que enfrentaram nos anos 1990, com o declínio do Programa Nacional do Álcool (PROÁLCOOL) e a consequente desregulamentação estatal do setor. Na esteira da inovação, para não causar surpresas, a principal referência do ponto de vista tecnológico era o mercado estadunidense.

Desde os anos 1970, em virtude da crise, cujo principal motim parece ter sido na esfera petrolífera, os Estados Unidos iniciou a difusão de alternativas aos derivados do petróleo, nos marcos do que Gounet (1999) caracteriza como *civilização do automóvel*. Nesse contexto, já que o capital precisava dar respostas rápidas à recessão, não foi difícil convencer as grandes multinacionais da indústria automobilística a repensar suas estratégias produtivas e gerenciais.

De maneira ágil, as montadoras, com engenharia de ponta, desenvolveram um arcabouço com capilaridade de mercado. Daí a ideia de um veículo que possibilitasse, a um só tempo, o consumo de gasolina e de um combustível “novo”, “alternativo”, até mais rentável, com base no álcool. Eis que o etanol – uma substância que pode ser utilizada em sua forma pura (álcool) ou misturada à gasolina (álcool anidro) – toma a cena. Para o capital, uma iniciativa condizente com seus pressupostos de racionalização. Contudo, com uma novidade. Como reflexo da chamada “Revolução Ver-

¹ Disponível em: <<http://www.unica.com.br/colunas/21375871920322737930/10-anos-de-veiculos-flex-por-cento3A-pausa-para-reflexao/>>. Acesso em 21 nov. 2015.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de” do agronegócio, que incorpora retórica “autossustentável”, o etanol construiu sua legitimidade a partir do argumento de que “polui menos”.

Na realidade nacional, essa proposta tomou fôlego a partir dos anos 2000. A razão pela qual se explica a retomada do lugar de destaque dos derivados da cana na pauta exportadora e na dinâmica do mercado interno é, em suma, a falácia dos agrocombustíveis (SANT’ANA, 2012). A retomada desse setor produtivo não está descolada, evidentemente, da dinâmica mais recente do agronegócio e dos condicionantes estruturais da questão agrária. Assim, embora o peso da cana-de-açúcar na economia nacional deva ser compreendido enquanto um processo de longa duração é inegável que a centralidade assumida pelo etanol no último período demarcou, enquanto pilar da política energética e do modelo de desenvolvimento agrário em curso, um novo estágio na dinâmica do setor sucroalcooleiro no Brasil, com impactos sobre os trabalhadores.

Elementos externos e internos contribuíram para isso. No plano internacional, destacam-se as oscilações e a alta nos preços do petróleo, incentivados por um contexto de tensões político-econômicas no Oriente Médio, a busca por fontes energéticas renováveis, o aumento do consumo da tecnologia *Flex* na China e na Índia e a agenda de “sustentabilidade ambiental” (LIMA, 2013; CARVALHO & CARRIJO, 2007). Já na conjuntura interna, aproveitou-se o momento econômico favorável ao mercado de etanol, mediante a ampliação da produção de cana-de-açúcar processada em álcool. Desencadeia-se, especialmente a partir de 2005, “(...) um forte movimento do agronegócio canavieiro em diferentes frentes de expansão no território nacional, fazendo emergir novas (re)configurações geográficas e espaciais, tanto no âmbito do capital como do trabalho, tendo como grande aliado o Estado” (SOARES *apud* LIMA, 2013, p. 22).

Destarte, malgrado a soja seja a cultura mais plantada, a cana de açúcar foi o setor do agronegócio brasileiro que mais cresceu na segunda metade da primeira década do século XXI. Em 2005, a taxa de crescimento da produção de soja foi 1,3%, enquanto a produção de derivados da cana cresceu 26,7% (AGUIAR; SOUZA, 2014). Por consequência, o ritmo de crescimento do etanol também tem sido extraordinário. Atualmente, o Brasil é responsável por 45% do etanol produ-



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

zido mundialmente. Para os empresários do setor, o objetivo consiste em manter a marca de “grande *commodity* internacional” e, se possível, ampliá-la².

Para que tamanho crescimento tomasse forma era necessário, ao mesmo tempo, i) ampliar as áreas com produção de cana-de-açúcar e ii) intensificar a produtividade do trabalho. E foi exatamente isso que ocorreu. Entre 2012 e 2013, a área destinada à plantação praticamente duplicou: de 5,3 milhões de hectares para 9,7 milhões de hectares (UNICA, 2015), tendo como principal eixo a região Centro-Sul, e não mais a região Norte-Nordeste.

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)³, o Brasil é hoje o maior produtor de cana e lidera o *ranking* mundial de produção e exportação de açúcar e etanol. Em 2013, a produção canavieira atingiu seu recorde: 670 milhões de toneladas, um aumento de aproximadamente 142% em relação ao início dos anos 2000 (CONAB, 2014). É tanto que, desde 1975, quando da instituição do PROÁLCOOL, o ritmo da produção praticamente só cresce, intensificando-se de modo particular nos anos 2000.

No relatório de acompanhamento da safra 2013/2014, a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) reconhece que, mesmo após o *boom* das *commodities*, a cultura da cana-de-açúcar permanece em expansão. De acordo com esse documento, a região Norte/Nordeste praticamente se mantém com a mesma área para a safra de 2015, provavelmente, por conta da seca, que exigiu encerrar a colheita antes do previsto pelos usineiros. Já os estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul aumentaram conjuntamente suas áreas de produção num total de 329,9 mil hectares.

No que alude ao processamento da cana em álcool e sua relação com a indústria automobilística, Lima (2013) observa que no ano de 2009 quase 100% da venda de veículos no país foi do tipo *flex*. Das vendas totais, apenas 8,6% foram de automóveis movidos a álcool ou à gasolina. As-

² Essa assertiva pode ser confirmada na Seção “Opinião” da UNICA, mas também no site da *Raízen* (corporação da fusão Cosan-Shell). Disponível em: <<http://www.raizen.com.br/apresentação.pdf>>. Acesso em 23 nov. 2015.

³ Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/vegetal/culturas/cana-de-acucar>>. Acesso em 24 nov. 2015.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sim, de cada cem veículos vendidos apenas nove não incorporaram, nesse ano, a tecnologia bicom-
bustível.

Nacional e internacionalmente, as movimentações do capital, em sua fase monopolista, têm se tornado cada vez mais complexas. No caso do setor sucroalcooleiro brasileiro, as tendências à concentração e centralização de capitais, à valorização da propriedade fundiária⁴ (IAMAMOTO, 2001), à estrangeirização das terras (MOREIRA, 2011), ao acirramento das expressões da “questão social” (TAVARES, 2009) e à combinação entre “moderno” e “arcaico” permanecem atuais. Essas perspectivas se desenvolvem no bojo das características estruturais e conjunturais do espaço agrário brasileiro, cada vez mais integrado à dinâmica da sociedade urbano-industrial, ora nas estruturas de dominação, ora nas de apropriação (IANNI, 1995).

É no contexto dessas determinações que se verifica, no espaço agrário nacional, a intensificação destrutiva da monocultura da cana-de-açúcar, ainda associada ao latifúndio e aos impactos sociais e ambientais daí resultantes, cumprindo o circuito do *desenvolvimento desigual e combinado* que significa, em linhas gerais, a “aproximação das diversas etapas, combinação das fases diferenciadas, amálgama das formas arcaicas com as modernas” (TROTSKY, 1967, p. 25).

Os empresários desse ramo comemoram o sucesso da produção como se este fato constituísse um sinônimo de grandes avanços para o desenvolvimento do País. Autoproclamam-se redentores da economia nacional, protagonistas da construção de um modelo energético “limpo e renovável”. Escondem, no entanto, que a riqueza e a “limpeza” de tal fonte energética estão assentadas na “sujeira” do trabalho em condições de escravidão e nas mortes por exaustão registradas no corte manual da cana-de-açúcar, ilustração sagaz do “peso de atraso” (MARTINS, 1999) na economia brasileira. É o que discutiremos no próximo tópico.

⁴ A propósito da relação entre capital e propriedade fundiária, particularmente na economia açucareira, ver estudo de Wanderley (1975).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

Pesquisa documental e pesquisa bibliográfica.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análisis y discusión de datos

O progresso da ciência e da tecnologia, tão aplaudido pelo mercado, que se verifica em outros segmentos da agroindústria canvieira, não implica necessariamente melhorias reais nas condições de vida dos cortadores de cana. Mais máquinas e mais exploração andam lado a lado. A conjunção entre ambas não é, de fato, um acidente de trajeto; ao contrário, explica-se *na* e *pela* história. Há uma tensa relação de *unidade* na proporção em que na dinâmica atual do capitalismo aprofunda-se a combinação entre mais-valia absoluta e mais-valia relativa para ampliar a taxa de lucro, em particular nas conjunturas de crise.

É necessário demarcar que a “opção” pelo trabalho no corte da cana deve ser apreendida à luz da divisão sociotécnica do trabalho que, amparado na lei do desenvolvimento desigual e combinado, assume formas que melhor se adequam ao fim capitalista, em cada fase do seu desenvolvimento. As alterações que ocorrem no interior da forma social capitalista moldam, passo a passo, seus próprios ditames.

As condições de trabalho e vida reservadas ao cortador de cana não causam grandes surpresas. Esses trabalhadores são, em sua ampla maioria, do sexo masculino, sem escolaridade e sem qualificação formal, cuja única possibilidade de sobrevivência fora dos canaviais seria a posse da terra, um meio de produção a eles inacessível, inclusive pela concentração fundiária que está na base histórica da sociedade brasileira, embaralhada à produção da cana-de-açúcar.

As determinações do mercado raramente deixam alguma margem de escolha a esses trabalhadores. A liberdade se restringe a morrer de fome ou morrer de trabalhar. O dispêndio de energia física é excessivo, desgastante, doloroso. Trata-se de um cotidiano marcado por vidas cinzentas, cristalizadas no cansaço e nas dores de um trabalho avesso à vida.

Se consideradas as consequências práticas do debate teórico travado até o presente momento, parece-nos impraticável não localizar o acirramento da exploração do trabalho nos canaviais brasileiros como dimensão fundamental do novíssimo momento do setor sucroalcooleiro, interessa-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

do especialmente na elevação da produção e da exportação de etanol, dando curso à saga da manutenção do Brasil na liderança mundial desse ramo. Esse alvoreço, incentivado pelo Estado, realça a complexidade assumida pelas condições e relações de trabalho na produção canavieira.

Com isso, quer-se destacar que a exploração do trabalho no corte da cana nos anos 2000 não é exatamente a mesma de décadas anteriores. Apesar dos contundentes traços de continuidade ou manutenção sistemática do “atraso”, há elementos novos para o debate.

São diversos os relatos que comprovam e/ou denunciam as precárias condições de trabalho no corte manual. Em 2008, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Alagoas – Estado que mais produz cana no Nordeste – realizou uma pesquisa com trabalhadores rurais, obtendo importantes dados sobre os problemas vivenciados no universo em discussão. Os resultados demonstram a intensidade da precarização no que tange às carteiras de trabalho e às perspectivas de melhorias nas condições de vida. Dos 184 entrevistados, 43,12% afirmaram que não tinham carteiras assinadas (situados, portanto, na informalidade) e 88,59% disseram que o serviço nos canaviais não trará mudanças favoráveis em suas vidas, devido ao baixo salário e às péssimas condições de trabalho. A mesma fonte revela, ainda, que 52% das pessoas “libertadas” da escravidão no Brasil trabalhavam em usinas de cana-de-açúcar (CPT, 2009, [s.p.]).

No início deste século, um aspecto que requer atenção analítica e trato é a *mecanização no corte*. A inserção de máquinas para a colheita manual, especialmente no eixo Centro-Sul, representa uma novidade, visto que historicamente o setor canavieiro utilizava-se predominantemente de capital variável para tal atividade. Desse modo, a incorporação de novas tecnologias – fruto do investimento dos capitalistas em capital constante e, conseqüentemente, de elevação da composição orgânica do capital no setor sucroalcooleiro – tem incidido de maneira significativa na dinâmica da exploração.

Ao criar exigências absolutamente novas, como a perfeição do corte rente ao solo (na perspectiva capitalista de obter maior aproveitamento da concentração de sacarose) e a ponteira da cana bem aparada, a inserção da maquinaria nos terrenos planos realoca os trabalhadores para os lugares onde a cana é de pior qualidade e os terrenos são mais difíceis, com muitos declives e plantio irre-



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

gular. Há algo mais trágico nisso tudo: o trabalhador passa, a partir de então, a estabelecer referência para sua produtividade com base no que a máquina produz. Torna-se impelido, portanto, a ser tão produtivo quanto à máquina.

É evidente que isso não sucede da vontade subjetiva dos cortadores de cana, mas por determinações mesmas do capitalismo com suas exigências sequenciais de metas de produtividade, bem como pela constante ameaça de outro gravíssimo elemento do atual estágio do setor sucroalcooleiro no Brasil: o *desemprego*. Mediante as exigências tamanhas do capital, torna-se cada vez mais intensa a *seletividade da força de trabalho* a ser empregada no corte manual. Há, na cena contemporânea, um perfil determinado de trabalhadores que interessa aos proprietários. Apetece-lhes, grosso modo, trabalhadores sem qualificação formal, homens e jovens.

Essa dimensão relaciona-se em proporções razoáveis à famigerada *flexibilização* que informa o capitalismo contemporâneo. Esse fenômeno que, em tese se contrapõe de modo absoluto à “rigidez” da fábrica fordista, tem degradado ainda mais o trabalho nos canaviais brasileiros. A nosso juízo, há mutações na *gestão da força de trabalho* através dos mecanismos associados a esse fetiche da flexibilização, que “passa a determinar o comportamento dos sujeitos como uma força exterior e natural, sem que eles – os sujeitos – sejam capazes de reagir e reassumir o controle sobre os processos sociais” (DRUCK, 2011, p. 44).

Todas essas estratégias encontram explicação e justificativa na *produtividade do trabalho*, a alavanca mais poderosa de um modo de produção que possui por lei geral a produção de mais-valia (MARX, 1980). No terreno das circunstâncias conjunturais abordadas no tópico anterior, convém assinalar que as exigências das unidades produtoras são de causar espanto. Pesquisa realizada por Alves (2006) demonstra que no Estado de São Paulo, por exemplo, a produtividade dos cortadores de cana dobrou de uma média de seis toneladas/dia, nos anos 1990, para doze toneladas/dia, nos anos 2000. A sede por trabalho excedente, como se pode ver, é gigantesca. É o trabalho vivo, vivíssimo, a contragosto dos defensores da perda da centralidade sociológica da categoria trabalho.

Uma chave explicativa para o êxito produtivo recente do capital sucroalcooleiro localiza-se, sem sombra de dúvidas, na modalidade de pagamento salarial praticada nos canaviais do Brasil.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Referimo-nos ao *salário por peça*, por produção, por tonelada cortada. Ao mesmo tempo, essa modalidade conjuga a intensidade do trabalho e a tendência ao rebaixamento salarial.

Transfere-se ao trabalhador uma tarefa que em tese é do capitalista: a responsabilidade pelo ritmo do trabalho. Dado que o processo de trabalho em análise é organizado por metros, mas aferido por tonelada cortada, os assalariados do corte manual sabem quantos metros cortaram no transcurso de uma jornada de trabalho, mas não têm conhecimento do valor por eles produzido, tanto por não participar da conversão metro/tonelada, como porque o valor do metro só é fixado depois que a cana passa pela balança da usina, que fica longe do eito.

Francisco Alves (2006), em seu artigo *Por que morrem os cortadores de cana?*, defende a tese de que o salário por peça é o responsável pela morte de cortadores de cana. Sob a lógica do quanto maior a produtividade “melhor” é o salário, quanto mais cana corta o trabalhador maior é a possibilidade de morte por exaustão, acidentes de trabalho, doenças contraídas em decorrência do corte.

Como se não bastasse isso, as usinas estimulam a *competitividade* entre os trabalhadores através de estratégias como o “facão de ouro”, título conferido aos “melhores cortadores”, isto é, aos que beiram a morte por cortarem mais cana durante um mês. Mais uma artimanha das imposições do capitalismo contemporâneo ao mundo do trabalho. Contudo, certamente, para os usineiros, esses trabalhadores são estimados “colaboradores” – termo que referencia a farsa da relação amigável entre capital e trabalho, no linguajar adotado pelo primeiro, após a última reestruturação produtiva.

O ônus desse arcabouço sobre a saúde e a vida possui expressões inúmeras. Segundo o Relatório do Encontro dos Trabalhadores Canavieiros do Nordeste (2005, p. 07), “no plantio e no corte da cana é frequente os trabalhadores sentirem câimbras e dores no corpo”. Face ao calor e às vestimentas (composta por botas, perneiras com tiras de aço, calça *jeans*, camisa de manga comprida, boné e óculos), preferem cortar o máximo de cana o mais cedo possível, haja vista que, depois da hora do almoço, o calor nos canaviais torna-se insuportável.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Afora isso, esses trabalhadores não escapam do risco derivado do uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos (herbicidas e maturadores) nas plantações. Esse perigo, além do mais, extrapola o lugar de trabalho, pois os aviões que aplicam o veneno também contaminam as comunidades próximas, as cacimbas, rios etc.

Doenças ocasionadas por contaminação persistem nos canais, mas nem sempre são reconhecidas pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Posto isso, os cortadores consideram insatisfatório o atendimento por parte da política social da previdência. As reclamações possuem como alvo, sobretudo, a categoria médica, pelo fato de provocar obstáculos nas perícias e emissão de laudos que constatem a “doença ocupacional” ou “acidente de trabalho”.

Nesse contexto, a tendência ao conformismo e à submissão parece ter sido intensificada e atualizada pelos mecanismos de manipulação do capital toyotista. No corte da cana, os impactos subjetivos são expressivos, especialmente a partir de afirmações que guardam um fatalismo do qual o trabalhador não pode escapar. No plano da semântica, naturalizam e eternizam a condição de vida, de modo que as possibilidades de melhoria são algo muito remoto e improvável. Tal discurso associa-se à baixa qualificação profissional e à falta de escolaridade, sem que a sociedade seja por isso responsabilizada.

Ademais, pode-se inferir que, nas usinas e lavouras, as seguintes características são praticamente generalizadas: desproteção no trabalho, acarretando inúmeros acidentes; ausência de assistência médica; péssimas instalações sanitárias, inclusive, nos locais de refeição; transporte precário; e um preconceito desmedido, pois o cortador de cana é visto por grande parcela da sociedade como um “Zé ninguém” (SANTOS; SOUZA, 2012).

No instante em que o trabalho lhes mantém a vida, também a define (MARX; ENGELS, 2011). Penoso, instável e parco de perspectivas, esse *labor* é absorvido pelos trabalhadores como “um fardo pesado”. Assim, a exploração à qual os cortadores da cana-de-açúcar estão submetidos possui novidades neste início de século, em consonância com a configuração político-econômica peculiar a qual está inserida.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

Os argumentos aqui apresentados, ainda que de modo sumário, demonstram a procedência da hipótese de que o trabalho nos canaviais brasileiros, nos dias de hoje, embora mantenha algumas características, não é exatamente idêntico ao de séculos passados. Seria insuficiente, do ponto de vista teórico, afirmar que os assalariados rurais no corte da cana são meros herdeiros da escravidão. São, sim, herdeiros vivos daquele trágico estatuto de exploração da força de trabalho. Embora os traços de continuidades sejam alarmantes, comparecem aspectos que apontam para uma reconfiguração no segmento canavieiro, tal como no mundo do trabalho em geral.

Posto que o setor da produção aqui estudado “articula uma tensa aliança entre expansão das forças produtivas mediante lenta incorporação dos avanços da ciência e da tecnologia na produção e arcaísmo no trato da força de trabalho” (IAMAMOTO, 2001, p. 101), é certo que o detalhamento das atuais condições e relações de trabalho no corte da cana carece de maior empenho analítico por parte do pensamento social. É de fundamental importância que se continue a investigar as contradições que acometem um setor da produção, cuja história confunde-se com a própria história do Brasil. Há dilemas antigos e novos, inseridos num mesmo fio de totalidade histórica e concreta, os quais, apesar da resistência e de esforços coletivos, não resistem às imposições advindas da superpopulação relativa e da voracidade do capital por acumular indefinidamente.

A fundamentação desenvolvida nas linhas anteriores desemboca numa contradição de relevo que reúne dois eixos antitéticos: num polo, as metas do Capital e do Estado no rumo de uma economia “sustentável” social e ambientalmente; noutro, um trabalho absolutamente insustentável, a registrar dores (e mortes), que além de cruéis já são multisseculares. Essa conclusão não é nem de longe meramente abstrata. Estamos a nos referir, aqui, aos contornos contemporâneos de vidas que têm sido ceifadas pela cana de açúcar.

Levado a cabo de modo especial pelas grandes corporações do agronegócio, o discurso “autossustentável” é, no fim das contas, insustentável, posto não ser este o modelo de desenvolvimento



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que o conjunto dos trabalhadores demanda. Há saídas para tamanha degradação? É evidente que sim. Afinal, considerar como eternas as condições de trabalho e vida tão austeras significariam tudo o que a imensa minoria capitalista deseja, no intuito de perpetuar a exploração do trabalho.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

AGUIAR, C. J.; SOUZA, P. M. Impactos do crescimento da produção de cana-de-açúcar na agricultura dos oito maiores estados produtores. **Rev. Ceres**, vol. 61, Viçosa Jul./Ago. 2014.

ALVES, Francisco. Por que morrem os cortadores de cana? In: Rev. **Saúde e Sociedade**. v. 15, n. 3, p. 90-98, set.-dez. 2006.

BEZERRA, Lucas. “**Tudo planta de cana, para uma só boca de usina**”: questão social e neodesenvolvimentismo na Zona Canavieira da Paraíba. Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa, 2016.

CARVALHO, S. D.; CARRIJO, E. L. O. **A produção de álcool**: do Proálcool ao contexto atual. XLV Congresso da SOBER, Londrina, 2007.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. **Perspectivas para a agropecuária** / Companhia Nacional de Abastecimento – v.2 – Brasília : Conab, 2014- v. 1.

CPT. Comissão Pastoral da Terra. **Impactos do monocultivo da cana na Amazônia e no Cerrado**. Brasília: CPT, 2009.

DRUCK, G. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **CADERNO CRH**, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 37-57, 2011.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Ed. Globo, 2006.

GOUNET, Thomas. **Fordismo e Toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo, Boitempo, 1999.

IAMAMOTO, Marilda. **Trabalho e Indivíduo Social**. São Paulo: Cortez, 2001.

IANNI, Octavio. **A ideia de Brasil moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LIMA, Edvaldo. **Dissidência e fragmentação da luta pela terra na “Zona da Cana” nordestina**: Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Recife: CRV Editora, 2013.

LÖWY, M. **A teoria do desenvolvimento desigual e combinado**. In: Rev. Outubro, n. 1, 1998, p. 73-80.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso**: ensaios de sociologia da história lenta. 2. ed. – São Paulo: Hucitec, 1999.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MOREIRA, Emília. Espaço, trabalho e campesinato no campo paraibano. In: **Revista da AN-GEPE**, v. 7, n. 1, número especial, p. 147-160, out. 2011.

MOTA, A. E.; TAVARES, M. A. Trabalho e expropriações contemporâneas. In: MOTA, A. E.; AMARAL, A. **Cenários, contradições e pejejas do serviço social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

OFFE, Claus. **Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

OSORIO, Jaime. América Latina: o novo padrão exportador de especialização produtiva – estudo de cinco economias da região. In: FERREIRA, C; OSORIO, J; LUCE, M. **Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência**. São Paulo: Boitempo, 2012.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 21. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976.

REDE SOCIAL DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS; COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Monopólio na produção de etanol no Brasil**. Brasília: RSJDH/CPT, 2008.

SANT'ANA, Raquel. **Trabalho bruto no canavial: questão agrária, assistência e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, A.; SOUZA, F. Cana doce, trabalho amargo: a superexploração do trabalhador canavieiro. **Revista Pegada**, 2012.

TAVARES, M. A. **Os cortadores de cana e a abusiva exploração da mais-valia absoluta**. (Projeto PIBIC/CNPq). João Pessoa: UFPB, 2009.

TROTSKI, Leon. **História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Saga, 1967, v. 1.

UNICA. União da Indústria de Cana-de-Açúcar. **Mapa da produção**. Disponível em: <<http://www.unica.com.br/mapa-da-producao>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

WANDERLEY, M. N. B. **Capital e propriedade fundiária: suas articulações na economia açucareira de Pernambuco**. São Paulo: Paz e Terra, 1975.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio